

Joaquim de Sousa Teixeira

# IPSEIDADE E ALTERIDADE

UMA LEITURA DA OBRA  
DE PAUL RICOEUR

Vol. I

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

*Título:* Ipseidade e Alteridade  
Uma Leitura da Obra de Paul Ricoeur  
Vol. I

*Autor:* Joaquim de Sousa Teixeira

*Edição:* Imprensa Nacional-Casa da Moeda

*Concepção gráfica:* Departamento Editorial da INCM

*Tiragem:* 800 exemplares

*Data de impressão:* Dezembro de 2004

*ISBN:* 972-27-1333-7

*Depósito legal:* 219 332/04

«[...] mens nostra non potest seipsam intelligere ita quod seipsam apprehendat; sed ex hoc quod apprehendit alia, devenit in suam cognitionem.»

SÃO TOMÁS, *De Veritate*, q. 10, a. 8, corp. art.

«Une philosophie herméneutique est une philosophie qui [...] renonce au rêve d'une médiation totale, au terme de laquelle la réflexion s'égalerait à nouveau à l'intuition intellectuelle dans la transparence à soi d'un sujet absolu.»

P. RICOEUR, «De l'interprétation»,  
in *Du Texte à l'Action*, Paris, 1986, 32.

«[...] l'herméneutique du soi se trouve à égale distance de l'apologie du *Cogito* et de sa destitution.»

P. RICOEUR, *Soi-même comme un Autre*,  
Paris, 1990, 15.

## PREFÁCIO

*Este prefácio vai ser breve, porque muito do que é curial dizer-se nas apresentações de obras de filosofia vem na longa «Introdução» (ou abertura) do livro que ora se publica.*

*O presente estudo corresponde integralmente à dissertação de doutoramento por nós apresentada em 1994 à Universidade Católica Portuguesa e nela defendida em 15 de Janeiro de 1995. As modificações introduzidas são de pormenor e mais de redacção que de conteúdo. O motivo por que julgámos não ser necessária uma profunda revisão da tese deve-se sobretudo ao facto de a bibliografia ricoeuriana posterior a 1994 não acrescentar substanciais mudanças de perspectiva em torno da temática em apreço. Além disso, se tivéssemos de refundir em profundidade a dissertação, surgiria porventura uma outra obra, quiçá mais curta porque centrada apenas no tema especificamente antropológico-filosófico do sujeito entendido dialecticamente como expressão de si nas múltiplas mediações entre Natureza e Forma. Preferimos, porém, ao dar conta da obra global de Paul Ricoeur, evitar as sereias hegelianas, cingindo as análises à relação, mais fenomenológica que dialéctica, do homem e do «seu mundo», mais precisamente à relação de ipseidade e alteridade, da ipseidade colhida como «identidade reflexiva» e da alteridade apreendida nos múltiplos registos filosoficamente permitidos. Não se estranhe pois que a investigação silencie a referência ao grande Outro (Deus), de resto tão cara à obra teológica de Ricoeur.*

*Apesar de este ser um trabalho académico (nas díspares acepções do termo...), não se destina contudo apenas a académicos. Como nos foi dado comprovar, ele pode interessar não só aos «filósofos profissionais», como a todos os que lidam com questões psicológicas e psicanalíticas,*

históricas, linguísticas, ético-políticas, etc. Um certo eclectismo e polícentrismo hermenêutico da obra de Ricoeur aparecem-nos justificados pelas suas preocupações dialógicas, pluriversais e ecuménicas, assim como pela sua peculiar concepção da filosofia e da «herança cultural» que de certo modo a consubstancia. No entanto o nosso estudo, sendo em forma de glosa filosófica, esforça-se por relevar as linhas de fundo que norteiam o pensamento poliédrico do Autor, sugerindo aqui e ali — o mais das vezes em surdina e como que em contraponto — uma forma outra de pensar. Ao procedermos assim tivemos em mente antes de mais a dignidade teórica do tema elegido, central na filosofia do século XX, ou seja, a salvaguarda da subjectividade ético-ontológica do homem no emaranhado das correntes de pensamento que, pelo menos desde a filosofia transcendental, a puseram metodologicamente entre parênteses ou mesmo lhe negaram direitos de cidadania filosófica. A nosso ver, muitos dos trabalhos sobre Ricoeur (dissertações, estudos e referências generalistas) — mesmo os vindos a lume em língua portuguesa — enfermam de semelhante enviesamento, denotando alguns uma grave ausência de acribia. Tivemos por isso a preocupação de, primeiro, nos atermos tão-só aos escritos originais do Autor e de, segundo, detectar aqueles filosofemas unificadores que cerzem a imensa mole das leituras constituintes de todo o seu acervo literário-filosófico (e não se esqueça que Ricoeur é, acima de tudo, um grande leitor da Filosofia, provindo muita da sua riqueza deste seu serviço de mediação).



Embora a nossa caminhada com Paul Ricoeur tenha sido quase sempre «solitária», não podemos deixar de agradecer aos mediadores que tornaram possível esta publicação. Recordamos antes de mais o Prof. Doutor José Manuel Toscano Rico, antigo Director da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, o primeiro a incentivar a vinda a lume deste estudo. Ainda dentro do âmbito universitário, é-nos grato nomear dois excelentes mestres: o Prof. Doutor José Ramos Regidor (que, na Universidade Salesiana de Roma, nos introduziu entre 1967 e 1970 na hermenêutica ricoeuriana do mal) e o Prof. Doutor Joaquim Cerqueira Gonçalves (orientador da dissertação). Em segundo lugar, manifestamos o nosso reconhecimento à Imprensa Nacional-Casa da Moeda nas pessoas do Prof. Doutor Manuel Ferreira Patrício, que teve a amabilidade de ler este trabalho, e do Dr. António Braz Teixeira, promotor entusiasta da cultura filosófica em Portugal. Uma última palavra de gratidão é devida aos

Doutores Manuel Barbosa da Costa Freitas e Manuel Cândido Pimentel, eficazes elos de ligação entre a instituição universitária (o Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira — CLCPB) e a editora.



Terminamos com o elenco da principal bibliografia de Paul Ricoeur dada à estampa depois de 1994, anotando algumas observações. Como acima referimos, a sua substância já se encontra no nosso estudo, embora um ou outro aspecto o pudesse ainda enriquecer e completar, nomeadamente nas partes referentes à História e à Filosofia Prática:

- RICOEUR, P., *Réflexion Faite. Autobiographie Intellectuelle*, Paris, 1995. Este volume recolhe dois textos: 1) «Autobiographie intellectuelle», que é o original francês do ensaio publicado primeiramente em língua inglesa in L. E. Hahn (org.), *The Philosophy of Paul Ricoeur*, Chicago and LaSalle (Ill.), 1995; 2) «De la Métaphysique à la Morale», in *Revue de Métaphysique et de Morale*, número do centenário (1994).
- , *La Critique et la Conviction. Entretien avec François Azouvi et Marc de Launay*, Paris, 1995. A temática deste *entretien* é abrangente, atravessando *jornalisticamente* todos os domínios da reflexão filosófico-teológica ricoeuriana.
- , *Le Juste*, Paris, 1995. Recolhe dez conferências em torno da justiça, numa perspectiva de fronteira entre o domínio filosófico e o especificamente jurídico. Já integrámos algumas destas conferências nos capítulos sobre a Ética e a Moral.
- , *Autrement. Lecture d'Autrement qu'Être ou Au-delà de l'Essence d'Emmanuel Levinas*, Paris, 1997. Este opúsculo reproduz o conteúdo de «Emmanuel Levinas, penseur du témoignage», in J.-C. Aeschlimann (org.), *Répondre d'Autrui. Emmanuel Levinas*, Neuchâtel, 1989, 17-40, por nós aproveitado na secção 4 do capítulo 23.
- , *Amour et Justice*, Paris, 1997. Retoma-se um tema tão antigo como Aristóteles e Santo Agostinho.
- CHANGEUX, J.-P., e RICOEUR, P., *Ce qui nous fait penser. La Nature et la Règle*, Paris, 1998. Este interessante diálogo promana de duas perspectivas e de duas linguagens o mais das vezes antagónicas — a científica (materialista) e a filosófica —, ambas à procura de um *logos* comum. Reveste-se de particular importância para a Antropologia Filosófica, a Filosofia Moral e a Estética.

LACOCQUE, A., e RICOEUR, P., *Penser la Bible*, Paris, 1998. Os estudos de Ricoeur constituem uma espécie de «réplica filosófica» subsequente aos ensaios escriturísticos de A. LaCocque. São os seguintes: 1) «Penser la création»; 2) «Une obéissance aimante»; 3) «Sentinelle de l'imminence»; 4) «La plainte comme prière»; 5) «De l'interprétation à la traduction»; 6) «La métaphore nuptiale». Imprescindível num estudo sobre a hermenêutica religiosa de Ricoeur.

RICOEUR, P., *L'Unique et le Singulier: l'Intégrale des Entretiens d'Edmond Blattchen*, Paris, 1999.

—, *La Mémoire, l'Histoire, l'Oubli*, Paris, 2000. Muito do conteúdo desta vasta obra prolonga *Temps et Récit* e poderia inserir-se na parte da dissertação dedicada à História e à Filosofia Prática (de sublinhar o actualíssimo tema ético-político do perdão).

Lisboa, Novembro de 2001.

SIGLAS DOS LIVROS DE PAUL RICOEUR

- CI *Le Conflit des Interprétations. Essais d'Herméneutique [I]*, Paris, 1969 (recolha de estudos anteriores).
- DA «Le Discours de l'Action», in D. Tiffeneau (org.), *La Sémantique de l'Action*, Paris, 1977, 1-137.
- EES/PA *Être, Essence et Substance chez Platon et Aristote*, Paris, 1982 (curso xerocopiado — Universidade de Strasbourg, 1953-1954).
- EPh *À L'École de la Phénoménologie*, Paris, 1986 (recolha e reimpressão fotomecânica de estudos anteriores).
- F *De l'Interprétation. Essai sur Freud*, Paris, 1965.
- FC *Philosophie de la Volonté. Vol. II — Finitude et Culpabilité*, 1988 (1960<sup>1</sup>). A edição de 1960 consta de dois tomos: I — *L'Homme Faillible*; II — *La Symbolique du Mal*; a de 1988 integra-os num só tomo, dividido em dois livros. Citaremos pela ed. de 1988.
- GM/KJ *Gabriel Marcel et Karl Jaspers. Philosophie du Mystère et Philosophie du Paradoxe*, Paris, 1948.
- HF *L'Homme Faillible* = FC, Livre I (19-162).
- HV *Histoire et Vérité*, Paris, 1967<sup>3</sup> (recolha de estudos anteriores).
- IT *Interpretation Theory. Discours and the Surplus of Meaning* [1973], Forth Worth (Texas), 1976.
- IU *Lectures on Ideology and Utopia* [1975], New York, 1986.
- KJ *Karl Jaspers et la Philosophie de l'Existence*, Paris, 1947 (em colaboração com M. Dufrenne. Contribuição mais específica de Ricoeur: pp. 173-393).
- L I *Lectures 1. Autour du Politique*, Paris, 1991 (recolha de estudos anteriores).
- L II *Lectures 2. La Contrée des Philosophes*, Paris, 1992 (recolha de estudos anteriores).
- L III *Lectures 3. Aux Frontières de la Philosophie*, Paris, 1994 (recolha de estudos anteriores).
- MV *La Métaphore Vive*, Paris, 1975.
- SA *Soi-même comme un Autre*, Paris, 1990.

- SM *La Symbolique du Mal* = FC, Livre II (163-488).
- TA *Du Texte à l'Action. Essais d'Herméneutique II*, Paris, 1986 (recolha de estudos anteriores).
- TR I *Temps et Récit I*, Paris, 1983 (reimp. 1991).
- TR II *Temps et Récit II — La Configuration du Temps dans le Récit de Fiction*, Paris, 1984 (reimp. 1991).
- TR III *Temps et Récit III — Le Temps Raconté*, Paris, 1985 (reimp. 1991).
- VI *Philosophie de la Volonté. Vol. I — Le Volontaire et l'Involontaire*, Paris, 1950 (reimp. 1988).

Obs.: Os títulos dos restantes textos ricoeurianos serão citados *in extenso*, subentendendo-se e omitindo-se o nome do Autor. Todos os excertos transcritos, mesmo em nota, aparecerão em tradução portuguesa da nossa responsabilidade.

## INTRODUÇÃO

---



Apesar de só a leitura progressiva e completa de um estudo, que se pretende histórico-filosófico, propiciar uma verdadeira introdução ao tema que nele vem desenvolvido, uma abertura introdutória justifica-se metodologicamente: com efeito, cabe-lhe circunscrever o assunto a tratar, referir o alcance e os limites das perspectivas usadas, enquadrar a temática na obra do Autor, antecipar alguns resultados e observações críticas de fundo, apontar as virtualidades e eventuais limitações da filosofia em jogo, etc. Na intenção de concretizar alguns destes requisitos, esta introdução terá os seguintes momentos: 1) enquadramento do tema geral da investigação na problemática filosófica que lhe serve de horizonte referencial; 2) apresentação da unidade de fundo da obra do Autor (obra e Autor significam aqui o mesmo); 3) âmbito e limites da filosofia subjacente.

#### 1. PROBLEMÁTICA GERAL

O objecto do presente estudo é a articulação de *ipseidade e alteridade na obra de Paul Ricoeur*.

Que significa ipseidade? Qualquer elementar dicionário de latim traz do adjectivo e pronome demonstrativo *ipse, a, um* pelo menos quatro acepções relacionadas entre si<sup>1</sup>: 1) «O próprio», «a própria», «eu próprio», etc., com valor intensivo ou de realce e

---

<sup>1</sup> Cf. A. G. Ferreira, *Dicionário de Latim-Português*, Porto, s. d., 636.

como contraposição a outra coisa (*ego ipse, etiam ipse...*); 2) «Justamente», «precisamente», «exactamente»: *tunc ipsum, nunc ipsum* (precisamente então, precisamente agora), *ea ipsa fuit causa...* (foi precisamente aquela a causa...); 3) «Em pessoa», «pessoalmente»: *ipse consul venit* (o cônsul veio em pessoa); 4) «Por si», «espontaneamente»: *valvae ipsae aperuerunt* (as portas abriram-se por si). A ipseidade designa pois o carácter de «isso mesmo» de alguma coisa e, mais especificamente, o existente humano considerado como singularidade concreta, irrepetível, impermutável, idêntico a si mesmo e diferente dos outros. Por isso, a ipseidade, no seu sentido genérico, só se deixa entender na relação à alteridade; ipseidade e alteridade constituem então um binómio que só se compreende no horizonte da relação mais abrangente entre os «grandes géneros» do Mesmo e do Outro, da Identidade e da Diferença. Com efeito, a ipseidade é uma forma de *identidade*. Por seu lado, o conceito de identidade significa fundamentalmente o mesmo que *unidade*; ora, algo é uno na medida em que lhe pertencem estes dois aspectos: indivisão intrínseca e distinção de todo e qualquer outro (*indivisum in se et divisum a quolibet alio*). O conceito de identidade é pois um conceito ontológico, fundado na experiência do ser e da diferença — dados absolutamente primeiros, irrecusáveis e indefiníveis: «mesmo a mais radical redução de toda a realidade à identidade de um único ser, como a de Parménides, só tem sentido em função de uma multiplicidade que se nega e se resolve em mera aparência; e mesmo a mais radical negação da identidade, como a de um empirismo absoluto, só tem sentido em função de uma unidade que se nega e se reduz a um puro nome [...]. Se o homem tivesse a experiência apenas de um ente, teria sim o conceito de ser, mas não o conceito de uno e de idêntico<sup>2</sup>.»

---

<sup>2</sup> S. Vanni-Rovighi, «Identità», in *Enciclopedia Filosofica*, III (Firenze, 1967<sup>2</sup>), 723 (itálico nosso). Ipseidade e mesmidade são ambas, segundo Ricoeur, formas de identidade (identidade-*ipse* e identidade-*idem*); mas se a ipseidade designa um tipo de identidade ética específica do modo de ser da *pessoa* (manter a palavra dada, ser fiel a uma promessa), a mesmidade significa sobretudo a *invariabilidade no tempo* de algo (o carácter, por exemplo). Note-se, todavia, que alguns pensadores como que invertem esta terminologia para dar razão de semelhante diferença. Um exemplo: «El vocablo 'ipseidad' designa el hecho de que una cosa sea lo que es, la identidad de una cosa consigo misma»; sendo assim, a identidade mais perfeita é *intemporal*, é a pura ipseidade dos objectos ideais (fórmulas lógicas, figuras geométricas, equações algébricas, etc.). Por seu lado, «el término 'mismidad' designa una característica similar a la connotada por el

## ÍNDICE GERAL

### Vol. I

Prefácio .....	9
<i>Siglas dos livros de Paul Ricoeur</i> .....	13
INTRODUÇÃO .....	15
1. A problemática geral .....	17
2. A obra de Paul Ricoeur .....	23
3. Âmbito e limites de uma hermenêutica do sujeito .....	31

#### PRIMEIRA PARTE

#### PSICOLOGIA E PSICANÁLISE

[Introdução] .....	47
CAPÍTULO 1. UMA «FILOSOFIA DA VONTADE»: ENTRE PSICOLOGIA, FENOMENOLOGIA E FILOSOFIA .....	49
1.1. A vontade .....	49
1.2. «Método e tarefas de uma fenomenologia da vontade» .....	63
1.3. A unidade do voluntário e do involuntário como ideia-limite .....	74
CAPÍTULO 2. FREUD: SITUAÇÃO CULTURAL E PROBLEMAS EPISTEMOLÓGICOS .....	77
2.1. Freud e a cultura de hoje .....	77
2.2. O problema epistemológico do freudismo .....	88
2.2.1. Técnica interpretativa .....	89
2.2.2. A sistemática freudiana e a criação estética .....	94
2.3. Epistemologia: entre psicologia e fenomenologia .....	98
2.3.1. A redução .....	102
2.3.2. A intencionalidade .....	103
2.3.3. Aspectos dialécticos da linguagem .....	107
2.3.4. A intersubjectividade .....	108

2.4. Interpretação filosófica de Freud .....	111
2.4.1. Retomada reflexiva dos conceitos freudianos .....	114
2.4.2. Dialéctica de arqueologia e teleologia .....	115
2.4.3. Complementaridade das hermenêuticas rivais .....	117
<b>CAPÍTULO 3. UMA «ARQUEOLOGIA DO SUJEITO»: A QUESTÃO DO INCONSCIENTE .....</b>	<b>119</b>
3.1. A crítica ao inconsciente pela fenomenologia eidética .....	119
3.1.1. Fracasso do «idealismo» ou da transparência da consciência .....	121
3.1.2. Fracasso do «realismo», do «causalismo» físico e do «genetismo» freudianos do inconsciente .....	126
3.2. Consciente e inconsciente: os limites da consciência .....	137
3.3. Uma «arqueologia do sujeito» .....	141
3.3.1. Freud e a questão do sujeito .....	141
3.3.2. Noção de «arqueologia» .....	144
<b>CAPÍTULO 4. DIALÉCTICA DE ARQUEOLOGIA E TELEOLOGIA: A AMBIGUIDADE DO DESEJO .....</b>	<b>151</b>
4.1. A teleologia implícita do freudismo .....	152
4.2. Ambiguidade do desejo e visão ricoeuriana da sexualidade .....	157
4.2.1. Descrição eidética .....	158
4.2.2. Carácter enigmático da sexualidade .....	162
<b>CAPÍTULO 5. HERMENÊUTICA DA RELIGIÃO E LIMITES DA PSICANÁLISE .....</b>	<b>167</b>
5.1. Religião e ilusão: imagem, linguagem e «fantasma paterno» .....	167
5.1.1. A ambiguidade do sagrado .....	172
5.1.2. Religião e pulsão .....	173
5.1.3. Religião e fantasma .....	175
5.1.4. Fé e palavra .....	177
5.2. O «ateísmo» da psicanálise: a ausência de um «Eu» divino .....	179
<b>SEGUNDA PARTE</b>	
<b>HISTÓRIA</b>	
[Introdução] .....	187
<b>CAPÍTULO 6. QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS .....</b>	<b>189</b>
6.1. Objectividade e subjectividade em história .....	189
6.2. Contribuição da historiografia francesa e de língua inglesa .....	192
6.2.1. Eclipse da narrativa em história .....	193
6.2.2. Em defesa da narrativa em história .....	195
6.3. A história como narrativa .....	198
6.4. A intencionalidade histórica .....	200
<b>CAPÍTULO 7. HISTÓRIA E HISTÓRIA DA FILOSOFIA .....</b>	<b>205</b>
7.1. Relação de Ricoeur com a História da Filosofia .....	205
7.2. História da Filosofia e sociologia do conhecimento .....	206
7.3. História da Filosofia, historicidade e unidade da verdade .....	209

CAPÍTULO 8. HISTÓRIA E FILOSOFIA DA HISTÓRIA .....	221
8.1. Questões gerais .....	221
8.2. O sentido da história em Edmund Husserl e Jan Pato ka .....	224
8.2.1. O sentido da história em Edmund Husserl .....	224
8.2.2. O sentido da história em Jan Pato ka .....	230
8.3. «Renunciar a Hegel» .....	235
8.4. O sentido da história no Cristianismo .....	242
CAPÍTULO 9. O «TEMPO HISTÓRICO» .....	249
9.1. Relação entre tempo do sujeito e tempo universal .....	249
9.1.1. O tempo do calendário .....	250
9.1.2. A sequência das gerações .....	254
9.1.3. Arquivos, documentos, vestígios .....	259
9.2. «Tempo histórico» e ficção .....	263
9.2.1. A ficção da história .....	264
9.2.1.1. A tese realista .....	265
9.2.1.2. O carácter passado do passado .....	266
9.2.1.3. O passado refigurado .....	267
9.2.1.4. A «história» dos acontecimentos fundadores .....	268
9.2.2. A historicização da ficção .....	271
9.3. A realidade do passado histórico .....	273
9.3.1. Sob o signo do Mesmo .....	275
9.3.2. Sob o signo do Outro .....	277
9.3.3. Sob o signo do Análogo .....	280
CAPÍTULO 10. POR UMA HERMENÊUTICA DA CONSCIÊNCIA HIS- TÓRICA .....	285
10.1. Uma alteridade específica: da objectivação à alienação na experiên- cia histórica .....	285
10.2. História e Hermenêutica: por uma hermenêutica da consciência histórica .....	295
10.2.1. O futuro e o seu passado .....	298
10.2.2. Hans-Georg Gadamer: o «ser-afectado-pelo-passado» .....	303
10.2.3. A força do presente histórico .....	311

### TERCEIRA PARTE

#### A LINGUAGEM

[Introdução] .....	323
CAPÍTULO 11. ESTRUTURALISMO, SEMIÓTICA E SUAS APLICA- ÇÕES .....	327
11.1. A explicação estrutural e os seus limites .....	327
11.1.1. Estrutura e linguagem .....	327
11.1.1.1. Estruturalismo antropológico e hermenêutica .....	328
11.1.1.2. Estrutura, palavra e acontecimento .....	339
11.1.1.3. O texto e a explicação estrutural: da fala à escrita .....	346
11.1.2. Estruturalismo, réplica semântica e acontecimento .....	352
11.1.2.1. Evento e sentido na linguagem .....	352
11.1.2.2. Evento e sentido na história: a função da linguagem .....	359

11.2. O desafio semiológico .....	362
11.2.1. Signo e sentido .....	363
11.2.2. A semântica narrativa de Algirdas-Julien Greimas .....	367
11.2.2.1. Propp e Bremond .....	367
11.2.2.2. Greimas .....	373
11.2.3. A questão do sujeito na semiologia .....	385
CAPÍTULO 12. FILOSOFIA ANALÍTICA E ACÇÃO .....	399
12.1. Filosofia Analítica e discurso da acção .....	399
12.1.1. O discurso da acção: questões introdutórias .....	400
12.1.1.1. Análise linguística e fenomenologia .....	401
12.1.1.2. Fenomenologia linguística e ciências humanas .....	404
12.1.1.3. Filosofia da acção e ética .....	405
12.1.2. Nível conceptual da acção: os conceitos fundamentais .....	405
12.1.2.1. A acção em geral e as acções de base em particular .....	406
12.1.2.2. A intenção .....	413
12.1.2.3. A motivação .....	417
12.1.2.4. O conceito de agente da acção .....	420
12.1.3. Os enunciados da acção: a análise proposicional .....	424
12.1.4. Nível argumentativo da acção: o motivo e a causa .....	435
12.1.5. Uma semântica da acção sem agente .....	436
12.2. Filosofia Analítica e sujeito da acção .....	444
12.2.1. Abordagem semântica da identificação da pessoa .....	445
12.2.2. Abordagem pragmática do sujeito da enunciação .....	450
12.2.3. O agente da acção e as dificuldades da adscrição .....	457
12.3. Filosofia Analítica e Fenomenologia .....	463
12.3.1. «Linguagem comum» e descrição da vontade .....	464
12.3.2. Fenomenologia e análise linguística .....	466

Vol. II

TERCEIRA PARTE

A LINGUAGEM

(continuação)

CAPÍTULO 13. A «ACÇÃO DO TEXTO»: MUNDO DO TEXTO E MUNDO DO LEITOR .....	9
13.1. Texto, acção e história .....	9
13.1.1. Texto, acção, história: o texto como paradigma .....	11
13.1.2. Estrutura simbólica da acção social .....	15
13.1.2.1. Nível do simbolismo constituinte .....	16
13.1.2.2. Nível do simbolismo representativo .....	21
13.2. Dialécticas do texto: o mundo do texto e o mundo do leitor .....	22
13.2.1. Mimese e representação: a tríplice mimese .....	27
13.2.1.1. Mimese I .....	29
13.2.1.2. Mimese II .....	32
13.2.1.3. Mimese III .....	33
13.2.2. A apropriação .....	38
13.2.3. Mundo do texto e mundo do leitor .....	45
13.2.3.1. Fenomenologia do acto individual de ler .....	48
13.2.3.2. Hermenêutica da recepção pública de uma obra .....	51
CAPÍTULO 14. A POÉTICA E A «VERDADE METAFÓRICA» .....	59
14.1. Poética e fenomenologia .....	60
14.1.1. O poético e o sentimento .....	61
14.1.1.1. Fenomenologia do sentimento .....	61
14.1.1.2. Sentimento, natureza e poesia .....	65
14.1.2. O poético e a imaginação .....	75
14.1.2.1. Imaginação e discurso .....	78
14.1.2.2. A imaginação na passagem do teórico ao prático .....	81
14.1.3. O poético e o símbolo .....	84

14.2. Poética e linguagem: o processo metafórico .....	95
14.2.1. Metáfora e hermenêutica .....	96
14.2.2. O processo metafórico .....	101
14.2.2.1. Semântica da metáfora .....	101
14.2.2.2. Metáfora e realidade .....	103
14.2.3. Potência e criatividade da palavra .....	105
14.2.3.1. A linguagem polissêmica .....	106
14.2.3.2. Ciência, poesia e linguagem comum .....	109
14.3. O «mundo» poético: metáfora e referência .....	116
14.3.1. Metáfora e referência: haverá uma «verdade metafórica»? .....	117
14.3.2. O problema filosófico: intersecção do discurso especulativo e do discurso metafórico .....	129
 CAPÍTULO 15. NARRATIVA E IDENTIDADE DO SUJEITO .....	 139
15.1. Função narrativa e experiência humana do tempo: a aporia tem- poral da identidade narrativa .....	139
15.2. Identidade narrativa e identidade da pessoa: a problemática .....	145
15.3. Identidade narrativa e ipseidade .....	157
 <b>QUARTA PARTE</b>  <b>FILOSOFIA PRÁTICA E ÉTICO-MORAL</b>	
[Introdução] .....	171
 CAPÍTULO 16. A PRÁXIS. TRABALHO E PALAVRA, CIVILIZAÇÃO E CULTURAS .....	 175
16.1. A razão prática .....	180
16.1.1. «Razão de agir», «raciocínio prático», «regra de acção» .....	181
16.1.2. A «razão prática»: o momento kantiano e a tentação hegeliana	182
16.2. A iniciativa .....	187
16.3. Trabalho e palavra .....	189
16.3.1. Prioridade da palavra sobre a práxis e o trabalho .....	190
16.3.2. A aventura técnica: cultura, civilização e diálogo intercultural	198
 CAPÍTULO 17. A SABEDORIA PRÁTICA: CONVICÇÃO E ACÇÃO POLÍTICA .....	 213
17.1. A sabedoria prática: a convicção .....	214
17.2. Uma dificuldade específica: a acção política e a sabedoria prática	222
 CAPÍTULO 18. O ÂMBITO DA ÉTICA E O PROBLEMA DO MAL .....	 235
18.1. Ética como fundamento da moral .....	235
18.1.1. Estrutura teleológica da acção .....	236
18.1.2. O fundamento da lei moral .....	243
18.1.2.1. A liberdade em primeira pessoa .....	244
18.1.2.2. A liberdade em segunda pessoa .....	246
18.1.2.3. A liberdade e a mediação da instituição .....	254
18.2. Ética e ipseidade: o si-mesmo e a intencionalidade ética .....	257
18.2.1. O intento da «vida boa» .....	259
18.2.2. «Viver bem» com e para os outros: a solicitude .....	263
18.2.3. «Viver bem» com e para os outros em instituições justas .....	272
18.3. A ética e o mal .....	277

CAPÍTULO 19. O ÂMBITO DA MORAL .....	293
19.1. A estrutura deontológica da acção .....	293
19.1.1. A noção de valor .....	294
19.1.2. A norma e a viragem introduzida pelo interdito .....	296
19.1.3. O imperativo .....	297
19.1.4. A lei .....	298
19.2. Moral e ipseidade .....	299
19.2.1. O intento da «vida boa» e a obrigação moral .....	300
19.2.2. Solicitude pelos outros e norma moral .....	302
19.2.3. O «sentido da justiça» (ética) e os «princípios de justiça» (deontologia formal) .....	307
CAPÍTULO 20. A «PEQUENA ÉTICA» DE RICOEUR: CONCLUSÕES	313
20.1. Novas determinações da ipseidade .....	313
20.2. O panorama ético contemporâneo: o tempo da responsabilidade	319
CONCLUSÃO	
<b>QUE ONTOLOGIA?</b>	
[Introdução] .....	329
CAPÍTULO 21. A LIÇÃO PLATÓNICA .....	333
21.1. O ser e o não-ser, o Mesmo e o Outro .....	333
21.2. O tema da alma .....	337
21.3. O divino em Platão .....	340
CAPÍTULO 22. A LIÇÃO ARISTOTÉLICA .....	345
22.1. A lição geral sobre o ser e a substância .....	346
22.2. Aristóteles e a equivocidade do ser: a metáfora .....	351
22.3. A lição específica sobre o agente humano .....	358
CAPÍTULO 23. A LIÇÃO CONTEMPORÂNEA: FENOMENOLOGIA E ONTOLOGIA .....	365
23.1. Edmund Husserl .....	366
23.2. Martin Heidegger .....	370
23.2.1. Algumas questões gerais .....	370
23.2.2. A ontologia da ipseidade .....	375
23.3. Filosofia existencial .....	387
23.3.1. Questões gerais .....	388
23.3.2. A fenomenologia existencial .....	389
23.4. Emmanuel Levinas .....	392
CAPÍTULO 24. PAUL RICOEUR: A INJUNÇÃO DO OUTRO COMO ESTRUTURA DA IPSEIDADE .....	401
Bibliografia .....	405
I. Textos de Paul Ricoeur .....	409
1. Livros .....	409
2. Textos maiores .....	410
II. Outros autores citados .....	433
Índice onomástico .....	449